

Livro-reportagem: a relação entre o jornalismo e a literatura¹

Rone Fabio Carvalho JUNIOR²

Maria Sueli Ribeiro da SILVA³

Centro Universitário de Rio Preto, São José do Rio Preto, SP

RESUMO

O artigo apresenta um histórico do livro-reportagem no Brasil, trazendo seu contexto de inserção na história do jornalismo brasileiro. Para tanto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, na finalidade, de compilar informações sobre a relação entre o jornalismo e a literatura, findando-se com o surgimento do livro-reportagem e de sua grande ascensão perante a classe comunicacional, principalmente, após o advento do método da pirâmide invertida no modelo informacional brasileiro. Por fim, vale destacar que esse projeto de pesquisa pretende analisar o como o livro-reportagem tem se popularizado perante muitos jornalistas diante da crise que o modelo impresso vem enfrentando nos últimos anos com o crescimento do jornalismo digital.

PALAVRAS-CHAVE: Livro-reportagem; história; jornalismo; literatura; ficção.

Introdução

Desde os primórdios da humanidade o ser humano sempre mostrou o desejo de se comunicar de alguma forma. As pinturas rupestres nas paredes das cavernas e as primeiras formas de escrita são amostras de como os meios de propagação das mensagens modificaram-se ao decorrer dos últimos anos. Em meio a esse processo de transformações, o jornalismo ganhou aspecto de destaque ao ser denotado como exemplificação do ato de informar algo para um grupo de pessoas.

Foi assim que, no século XIX, surgiu no Brasil os primeiros jornais impressos, transcorrendo fatos da época em formato literário. Entretanto, no século seguinte, o jornalismo deixou de ser apenas para os letrados, ou seja, pessoas que sabiam ler e

¹ Trabalho apresentado no IJ01 – Jornalismo da Intercom Júnior – XV Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Graduando do 7º período do Curso de Jornalismo do Centro Universitário de Rio Preto (UNIRP). E-mail: juniorfc98@outlook.com

³ Orientadora do trabalho, docente e pesquisadora dos Cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda da UNIRP, doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual Paulista - UNESP, Campus de São José do Rio Preto, e-mail: mssuribeiro@yahoo.com.br

escrever no país, e passou a ganhar aspecto massivo, com a chegada do rádio, na década de 1920, e da televisão na década de 1950. Isso porque, até então, apenas quem sabia ler conseguia entender as informações jornalísticas obtidas nos jornais impressos.

Diante desse processo de transformações, e com o surgimento de novas mídias, ou seja, canais de difusão das mensagens, o jornalismo impresso adaptou o seu formato de construção textual. Os famosos textos literários predominantes no mercado brasileiro, a partir dos anos de 1950, foram substituídos pelo *lead* – modelo que prioriza as principais informações do fato no primeiro parágrafo do texto. Assim, o jornalismo buscou sua autonomia em relação a literatura, buscando padrões de objetividade ao colocar em prática um novo modelo textual inspirado no formato jornalístico norte-americano (MACIEL, 2017, p. 4).

Segundo Silva (2012, p. 10 e 11) a história do jornalismo aponta para três momentos importantes de seu desenvolvimento como campo profissional:

- a) O primeiro refere a expansão do jornalismo enquanto profissão, com início no século XIX e passando pela evolução no século XX com o surgimento dos novos meios de comunicação, como o rádio.
- b) O segundo é voltado a sua comercialização, iniciado no século XIX.
- c) E o terceiro momento é a atual disputa entre o campo econômico do jornalismo e o intelectual. Enquanto, no ambiente intelectual as notícias são destaque pela informação, no econômico elas ganham notoriedade por serem consideradas mercadoria.

Esse aspecto de ter a informação como uma mercadoria, fez com que cada vez mais o conteúdo jornalístico ganhasse aspecto conciso e deixasse de ser aprofundado. Devido a redações de veículos impressos cada vez mais enxutas em número de profissionais e falta de tempo, muitos jornalistas não conseguem reportar o acontecimento sem fugir do tradicional contexto em que estão inseridos (SILVA, 2012, p. 4).

É sobre esse aspecto que muitos profissionais do ramo enxergam no livro-reportagem uma oportunidade de ir além do tradicional *lead* ao aplicarem de técnicas jornalísticas mais detalhadas ao contar suas histórias.

Rocha e Xavier (2013, p. 4) elencam que entre os motivos para o aumento de publicações de livro-reportagem nos últimos anos no Brasil, estão a possibilidade de publicação em novas plataformas, e por ser um alternativa para que jornalistas

desenvolvam, por meio do suporte um texto diferenciado da prática do *hard-news*⁴, que normalmente prioriza o *lead*.

Já Maciel (2017, p. 11) destaca a crise na imprensa escrita diária como outro fator preponderante para expansão do mercado de livros-reportagem. Com a queda de assinaturas de jornais, devido ao advento da internet e pelas mudanças incorporadas pelas outras mídias, houve demissões de repórteres e redução de grandes reportagens, assim, com equipes cada vez mais enxutas, muitos jornalistas enxergaram no livro uma aposta para continuarem exercendo sua profissão.

Diante disso, esse trabalho pretende apresentar a relação entre o jornalismo e a literatura através do livro-reportagem, destacando a popularização do livro como modelo informacional no Brasil.

História do jornalismo

O jornalismo começou a se popularizar no Brasil, no início do século XIX, com a chegada da corte portuguesa em território brasileiro. Entretanto, o modelo jornalístico conhecido atualmente, é muito diferente do praticado naquela época. Os textos que atualmente são formatados pelo modelo da pirâmide invertida, durante os anos 1800, apresentava características mais voltadas a literatura.

Tanto que os dois primeiros jornais brasileiros surgiram em 1808. A Gazeta do Rio de Janeiro, conhecido como a imprensa oficial – publicava informações editadas pela Imprensa Régia, em apoio a corte portuguesa. Enquanto, o Correio Braziliense que começou sendo editado em Londres, no ano de 1808, pelo exilado Hipólito da Costa, se opunha a imprensa oficial exercida pela Gazeta do Rio de Janeiro.

A possibilidade de produzir impressos deu vida nova à colônia. Literatura e jornalismo desenvolveram-se paralelamente. A literatura, primeiro, abrigou-se nas páginas dos jornais, com a publicação de folhetins. Do final do século XIX até metade do século XX, os jornais publicavam obras de autores estrangeiros e nacionais – muitos deles jornalistas – no formato folhetim. É bom lembrar que, nessa época, os jornais não tinham mínima preocupação com reportagem e menos ainda com o noticiário. [...] Com a entrada do século XX, o noticiário e a

⁴ Hard-news: designa o relato objetivo de fatos e acontecimentos relevantes para a vida política, econômica e cotidiana, normalmente, associado com notícias do dia, ou seja, de última hora.

reportagem começaram a se fazer mais presentes, seguindo o modelo que já predominava no exterior. Até então, o jornalismo brasileiro era mais europeu (BELO, 2006, p. 31).

Jornalismo literário

A aplicação do termo jornalismo literário sempre gerou contradições perante estudiosos da comunicação. Muitos são os comunicólogos que defendem que se é literatura não é jornalismo. Já outros destacam o aspecto histórico do jornalismo para explicar o uso da terminologia, denotando o século XIX como exemplificação, quando os textos jornalísticos eram repletos de expressões literárias em sua construção semântica.

Pena (2006, p. 21) destaca que, no Brasil, o jornalismo literário é classificado de diferentes formas, o contextualizando como se fosse uma linguagem musical de transformação expressiva e informacional, ou seja, não se trata nem de jornalismo, nem de literatura, mas sim de uma atitude narrativa em que ambos estão misturados como uma melodia.

Para alguns autores, trata-se simplesmente do período da história do Jornalismo em que os escritores assumiam as funções de editores, articulistas, cronistas e autores de folhetins, mais especificamente o século XIX. Para outros, refere-se à crítica de obras literárias veiculada em jornais. Há ainda os que identificam o conceito com o movimento conhecido como *New Journalism*, iniciado nas redações americanas da década de 1960. E também os que incluem as biografias, os romances-reportagem e a ficção-jornalística (PENA, 2006, p. 21).

De acordo com Marcondes Filho (2014, p. 272) o jornalismo literário pode ser explicado como uma narrativa que emprega de recursos da literatura na criação textual. Perante o conceito etimológico das palavras, enquanto, o literário é o conjunto de habilidades de escrever e ler bem, o jornalismo, vem das expressões: jornais e jornalistas.

Ele [jornalismo literário] tem início com os autores ficcionistas que começam a contribuir com a imprensa produzindo reportagens jornalísticas. Gênero híbrido localizado entre a literatura e o jornalismo, também conhecido como literatura de realidade ou não ficcional, jornalismo em profundidade, jornalismo diversional ou jornalismo de autor. Chama-se obra de jornalismo literária aquela impregnada com técnicas literárias realistas (flashback, digressões, diálogos,

aprofundamento psicológico dos personagens, narrador em primeira pessoa, etc.) e na qual o autor se preocupa menos em seguir padrões e técnicas soberanas em redações e jornais diários (lead, pirâmide invertida) e mais em dar ao leitor visão mais próxima o quando for possível dos fatos, extrapolando o limite do jornalismo impresso (MARCONDES FILHO, 2014, p. 272-273).

Uma das características que fundamentam o jornalismo literário é o aprofundamento sobre o respectivo fato. Dessa forma, enquanto o texto convencional jornalístico informa de maneira objetiva com base no modelo da pirâmide invertida, o texto jornalístico literário aprofunda e detalha as informações, tornando a história mais atraente para o leitor que pretende entender mais sobre o assunto.

Segundo Pena (2006, p. 13) o jornalista literário não ignora as técnicas do jornalismo convencional diário, o que ele faz é desenvolvê-las construindo novas estratégias profissionais. Com isso, os princípios da redação, como, a apuração rigorosa, a abordagem ética e a capacidade de expressar claramente a história continua viva. Entretanto, um dos aspectos mais importantes para a criação do jornalismo literário é justamente a observação atenta, a qual permite com que o profissional crie um texto além do cotidiano.

Outras características, que fortalecem as já existentes no jornalismo literário, são a de ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, assim o jornalista literário não está atrelado com o famoso *deadline* – hora de fechamento do jornal. Esse tipo de jornalismo também sempre pretende contextualizar a informação a mais do que normalmente é exigido no espaço de um jornal (PENA, 2013, p.14).

Vale também ressaltar que o jornalismo literário evita trazer fontes primárias, ou seja, aqueles personagens que comumente a imprensa tradicional entrevista, por conta do curto espaço de tempo para escrita da reportagem. Destaca-se no jornalismo literário, justamente a fuga de fontes oficiais, valorando mais cidadãos comuns da sociedade, que trazem novas histórias para os textos. Além disso, nesse tipo de jornalismo o autor garimpa as informações para que elas não caiam no esquecimento (PENA, 2013, p.14).

Diferentemente das reportagens do cotidiano, que, em sua maioria, caem no esquecimento do dia seguinte, o objetivo aqui (jornalismo literário) é a permanência. Um bom livro permanece por gerações, influenciando o imaginário coletivo e individual em diferentes contextos históricos. Para isso, é preciso fazer uma construção sistêmica do enredo, levando em conta que a realidade é multifacetada, fruto de

infinitas relações, articulada em teias de complexidade e indeterminação (PENA, 2013, p.15).

Livro-reportagem

O que é um livro-reportagem? Edvaldo Pereira Lima, em seu livro *“Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura”* define:

O livro-reportagem é o veículo de comunicação impressa não-periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalística periódicos. Esse “grau de amplitude”⁵ pode ser entendido no sentido de maior ênfase de tratamento ao tema focalizado – quando comparado ao jornal, à revista ou aos meios eletrônicos (LIMA, 2009, p. 26).

Assim, um livro-reportagem pode ser definido como uma obra que trata de assuntos reais em seu enredo, utilizando de técnicas jornalísticas para a sua criação. Dessa forma, o livro-reportagem não é apenas uma grande reportagem, ou uma mera reprodução das reportagens originalmente publicadas na edição impressa de um jornal ou revista, mas sim uma forma mais aprofundada de contar uma história, onde o espaço do jornalismo diário não precisa ser preenchido.

Belo (2006, p. 41) salienta que o livro-reportagem pode ser entendido como um instrumento aperiódico de difusão informações de cunho jornalístico, servindo de complemento a todos os outros meios de comunicação.

Além disso, é importante ressaltar que a história do livro-reportagem não é recente. “Há registros que datam do século XVI, após o advento da prensa, do livro como sendo um suporte jornalístico” (ROCHA; XAVIER, 2013, p. 4).

No Brasil, no século XIX, o jornalista e escritor Euclides da Cunha foi a região de Canudos como correspondente do jornal Estado de S. Paulo para cobrir a guerra que acontecia na região. Após a cobertura, foi lançado o livro *Os Sertões* que é considerado um dos primeiros com características de livro-reportagem no país.

⁵ Grifo do autor.

O jornalista brasileiro tomou gosto para valer pela reportagem em livro já no final do século XX. Os anos 1980 são recheados de relatos sobre os bastidores da política e da economia nacional – precisamente os setores da sociedade que mais mudaram. Parte desses relatos esteve contemplado pelas publicações periódica, mas a necessidade de aprofundamento, as terríveis dimensões de eventos como a ditadura militar e a abertura política proporcionaram espaço para a publicação de inúmeras reportagens em livro (BELO, 2006, p. 32).

Também no século XIX, o escritor Émile Zola lançou o livro *Germinal* após trabalhar em uma mina de carvão com profissionais em greve. No livro, o autor narra a situação precária dos mineradores franceses, mostrando uma das principais singularidades de um livro-reportagem: a de acompanhar o fato e normalmente, vivenciá-lo na pele, no intuito de conseguir aplicar a humanização jornalística sobre a história (ROCHA; XAVIER, 2013, p. 6).

Essa observação do fato é o que permite ao jornalista alcançar um texto muito além do convencional, apresentando detalhes que nem sempre são perceptíveis em um primeiro instante. É, assim, que o profissional que escreve um livro-reportagem, ao se atentar aos gestos, atos, movimentos e ambientes em que seus entrevistados estão inseridos, também informa ao leitor sobre os elementos ao seu redor, permitindo a quem lê, criar um personagem, assim como na ficção. É dessa forma que o livro-reportagem consegue ser a junção de jornalismo com literatura.

O livro-reportagem consegue penetrar neste espaço confluyente que permeia o encontro entre literatura e jornalismo. Ele é o resultado mais intenso dessa híbrida ligação. Sem medos ou receios, a reportagem em forma de livro informa, aprofunda e dinamiza a leitura, não provocando qualquer dano ao caráter jornalístico e interpretativo a que se propõe. Este embarca num objeto ficcional, mas consegue manter sua predisposição verossímil e entrelaçada à realidade dos acontecimentos. Aproveita, assim, da literatura sua variedade criativa e possibilidades de se contar uma história, mas, mantém, do jornalismo, sua ação prática e deliberada pela narrativa real do conjunto em que está inserido (OLIVEIRA, 2006, p. 13-14).

Segundo Belo (2006, p. 19), o livro-reportagem não tem uma data certa de nascimento, quando, de fato, ele surgiu como gênero jornalístico.

O livro-reportagem não tem, a rigor, uma data de nascimento. Muito antes do seu conceito ser empregado nos círculos acadêmicos ou nas rodas jornalísticas, centenas de narrativas de não-ficção já haviam sido publicadas. Mesmo assim é possível estabelecer um ponto de partida aproximado: a reportagem em livro começou a ganhar força como subgênero da literatura na Europa do século XIX (BELO, 2006, p. 19).

No século XIX, o jornalismo ainda não tinha se tornado uma profissão, diante disso, ele apresentava características muito mais ligadas à literatura do que ao formato que se tem conhecimento nos dias atuais (BELO, 2006, p. 19).

Outro ponto que é importante denotar sobre a distinção entre jornalismo e literatura, nessa época, como aspecto de contextualização do livro-reportagem é a diferença dos modelos de jornalismo aplicados no mundo que inspiraram redações brasileiras. Enquanto na Europa, se praticou um jornalismo mais autoral, com traços de texto interpretativo e opinativo, nos Estados Unidos, se praticou o uso maciço da pirâmide invertida (BELO, 2006, p. 19).

A “pirâmide invertida” é apresentada nos manuais de redação jornalística como um modo de organizar as informações que correspondem à descrição das perguntas 3Q+COP (que, quem, quando, onde, como, por que). Trata-se de um cânon das práticas jornalísticas que foi se constituindo ao longo do século XX para romper com o “nariz de cera” – longas digressões que descreviam o *lead* do foco noticioso – e, nesse sentido, criar limites mais claros entre jornalismo e literatura (MARCONDES FILHO, 2014 a 293).

E foi o modelo norte-americano que prevaleceu nas redações brasileiras, principalmente, durante a segunda metade do século XX, quando esse modelo informacional começou a se espalhar pelas redações de jornais impressos do Brasil. Uma das justificativas para essa expansão, foi a objetividade em informar, ou seja, repassando a informação ao leitor rapidamente, pois esse já tinha no país o rádio em seus anos de ouro – década de 30 e 40 - e a recente televisão, que chegou na década 1950, mas incorporou de várias características radiofônicas em sua programação,

Enquanto nos Estados Unidos os veículos são organizações eminentemente empresariais, na Europa o jornalismo nasceu da atividade político-partidária (veículos impressos) e da preocupação estatal com o emprego do rádio e da televisão no processo educacional.

Isso explica o caráter até hoje extremamente politizado e ideologizado da mídia impressa europeia e revela porque as principais emissoras de radiodifusão (incluindo a TV) são estatais, como a RAI, italiana, ou a poderosa BBC, inglesa (BELO, 2006, p. 20).

Tendo no século XIX, um jornalismo com traços mais voltados ao europeu, sendo mais literário e, até em alguns casos, opinativo; no século XX, com o advento do modelo comunicacional e o aparecimento de novas mídias (rádio e televisão), o jornalismo brasileiro incorporou das técnicas aplicadas pelos norte-americanos.

E foi, justamente desta mudança, que muitos jornalistas que trabalhavam com caracterizações literárias em seus textos começaram a formatar um processo expansivo de publicações livros-reportagem no Brasil. Foi assim, que na segunda metade do século XX, diversos jornalistas brasileiros escreveram livros, como forma de aprofundar o que eles tratavam de maneira superficial nos jornais, ou seja, seguindo os padrões do modelo da pirâmide invertida⁶.

Entretanto, é importante ressaltar que o crescimento do jornalismo em formato de livro, tem motivações contrárias no Brasil, do que na Europa e Estados Unidos. Enquanto lá, a reportagem em livro aborda temas que, normalmente, não interessam jornais e revistas, em território brasileiro, grande parte dos livros-reportagem trata de temas contemporâneos que nasceram em jornais (BELO, 2006, p. 40).

Dessa forma, o livro-reportagem no Brasil ganha um muito mais de aplicação do jornalismo aprofundado, contrariando a objetividade do jornalismo diário, com o *hard-news* e o *deadline* curto.

Tipos de livro-reportagem

Lima (2009, p. 51) destaca que o livro-reportagem pode ser originado de duas formas: a partir de um conglomerado de reportagens sobre determinada cobertura; e a partir de um projeto definido antes para ser executado apenas como um livro-reportagem. A temporalidade da obra também divide o livro-reportagem em dois formatos: aquele

⁶ Pirâmide invertida: é um jargão jornalístico para identificar um formato de textos em que a parte mais importante da notícia ou da informação é colocada logo no primeiro parágrafo.

elaborado a partir de fatos contemporâneos; e aqueles livros que são elaborados a partir de fatos, temporalmente distantes da atualidade.

Lima (2009, p. 51-58) também propõe um tipo de classificação para os tipos de livros-reportagem que leva em conta o objetivo da obra em seu modelo de aplicação:

- Livro-reportagem-perfil: aborda a vida de um ou mais personagens de forma exhaustiva, colocando-os sempre no centro da narrativa.
- Livro-reportagem-depoimento: reconstitui um acontecimento ou um conjunto de acontecimentos a partir da visão de um ou mais personagens centrais.
- Livro-reportagem-retrato: oferece uma visão aprofundada sobre um setor da sociedade, uma região ou um tipo de atividade.
- Livro-reportagem-ciência: serve para divulgar e contextualizar descobertas científicas relevantes.
- Livro-reportagem-ambiente: relacionado às causas ecológicas e ambientalistas.
- Livro-reportagem-história: repercute e se propõe a investigar e contextualizar fatos históricos em geral.
- Livro-reportagem-nova-consciência: focaliza temas relacionados a novos movimentos sociais e culturais.
- Livro-reportagem-instantâneo (atualidade): aborda temas atuais, mas preocupa-se com a perenização dos mesmos.
- Livro-reportagem-antologia: reúne produções de um ou mais autores publicados previamente.
- Livro-reportagem-denúncia: como o nome já diz, aborda situações que, na visão do autor, merecem ser investigadas em profundidade para a formulação de uma denúncia.
- Livro-reportagem-ensaio: privilegia a narrativa em primeira pessoa para apresentar a visão do autor sobre determinado fato.
- Livro-reportagem-viagem: o fio condutor é a viagem do autor. Mas o livro muitas vezes não se limita à descrição dos ambientes e situações vividas pelo autor, estendendo seu foco narrativo para o contexto dos fatos vividos.

Os vários tipos de livros-reportagem mostram o como esse mercado tem crescido nos últimos anos, principalmente, quando são livros voltados a contar a história de alguma personalidade de destaque na cultura de determinado país. As famosas biografias, como

são conhecidas, fazem tanto sucesso, que atualmente existem até mesmo jornalistas brasileiros especializados em escrever esse tipo de história. Fernando Morais é um exemplo: ele autor das clássicas obras: *Chatô, o rei do Brasil* e *Olga*.

Considerações finais

Esse artigo teve o intuito de apresentar o histórico do livro-reportagem no Brasil, das suas relações congruentes com a literatura e até mesmo com as mudanças ocorridas no modelo informacional brasileiro, principalmente, após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Essas mudanças que vão desde do campo textual ao organizacional, com o *lead* sendo introduzido nas redações brasileiras após os anos 1950, fez com que o jornalismo se tornasse mais conciso ao noticiar fatos.

Com isso, é importante ressaltar que a explicação do *lead* ter se popularizado na segunda metade do século XX, estaria ligada, segundo alguns teóricos, justamente ao fato de que durante a guerra, muitos profissionais da imprensa que iam cobrir o conflito não conseguiam escrever textos longos e mandar todos os dias para as redações, assim os profissionais escreviam logo no primeiro parágrafo do texto as informações mais importantes, ou seja, o que é conhecido atualmente como *lead* (o que, quem, quando, onde, como e por que), na finalidade, de que as informações principais fossem destacadas nos veículos impressos sem que fossem perdidas no trajeto das transmissões por telégrafo.

Por fim, é importante ressaltar que esse artigo também procurou traçar durante o transcorrer de sua construção um panorama sobre a relação, que a literatura desempenha com o jornalismo, na constituição de um livro-reportagem. Para isso, foi preciso apresentar a história do jornalismo no Brasil, as caracterizações de um texto literário e, por fim, da história do livro-reportagem no país.

Com base nisto, o projeto de pesquisa além de analisar o contexto histórico do jornalismo brasileiro, também apresentou argumentos dos motivos para que tantos profissionais do meio impresso, tenham se dedicado nos últimos anos a construção de obras literário aprofundadas de reportagens.

Por fim, é importante ressaltar que o livro-reportagem não se encontra restrito a apenas profissionais trabalha com a mídia impressa. Existem exemplos de jornalistas que

hoje fazem sucesso na televisão e que formataram grandes histórias em livros, como Caco Barcellos, com *Rota 66*.

Assim, nem todo livro-reportagem é apenas literatura, mas também investigação, jornalismo de dados e, principalmente, exige muita dedicação de seu idealizador para sua construção final. É como um quebra-cabeça em que o escritor da obra reúne pontos, normalmente, já apresentados em reportagens, mas que interligados formatam o livro.

Referências

BARCELLOS, C. **Rota 66**. 1ª ed. Rio de Janeiro. Editora Record, 2003.

BELO, E. **Livro-reportagem**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

COUTO, A. T. **Livro-reportagem: guia prático para profissionais e estudantes de jornalismo**. Campinas, São Paulo: Editora Alínea, 2017.

DUARTE, J; BARROS, A. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2ª.ed. São Paulo: Atlas

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Editora Atlas, 1999.

GUEDES, N. G. T; **Jornalismo e construção social da realidade: uma reflexão sobre os desafios da produção jornalística contemporânea**. XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Curitiba, Paraná. 2009. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-1820-1.pdf>>. Acesso em: 04 Mai. 2019.

LAGE, N. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista**. 12º ed. Editora Record, 2001.

LIMA, E. P. **O que é livro-reportagem?** São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.

LIMA, E. P. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. Barueri, São Paulo: Editora Manole, 2009.

MACIEL, A. Z. **Páginas de outrora: traços da história do livro-reportagem no Brasil**. XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste. Fortaleza, Ceará. 2017. Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2017/resumos/R57-1634-1.pdf>>. Acesso em: 01 Mai. 2019.

MARCONDES FILHO, C. **Dicionário da Comunicação**. 2ª ed. Revista e Ampliada. São Paulo: Editora Paulus, 2014.

MORAIS, F. **Chatô: O rei do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

MORAIS, F. **Olga**. São Paulo. Companhia das Letras, 1993.

OLIVEIRA, P. N. D. S. **Jornalismo literário: como o livro-reportagem transforma um fato em história**. XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Brasília, Distrito Federal.

2006. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R0717-1.pdf>>. Acesso em: 28 Abr. 2019.

PENA, F. **Jornalismo literário**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

PRIZIBISCZKI, C. A. **A práxis do livro-reportagem**: teoria e prática em diálogo. XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Brasília, Distrito Federal. 2006. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R1109-2.pdf>>. Acesso em: 27 Abr. 2019.

ROCHA, P. M; XAVIER, C. **O livro-reportagem e suas especificidades no campo jornalístico**. Revista Rumores. n°. 14. V. 7. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/Rumores/article/download/69434/72014/>>. Acesso em: 04 Mai. 2019.

SILVA, R. C. **História do jornalismo**: evolução e transformação. Revista Temática. Ano VIII, n° 7. Junho de 2012. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/tematica/article/view/23677/12984>>. Acesso em: 03 Mai. 2019.

VILAS BOAS, S. **Biografia e biógrafos**: jornalismo sobre personagens. São Paulo: Summus, 2002.